

COMO SOBREVIVER AO SILÊNCIO DE DEUS? ALGUMAS ESTRATÉGIAS DO LIVRO DE DANIEL

*Nelson Kilpp*¹

RESUMO

O livro de Daniel mostra a preocupação de seus autores em reanimar a fé e a esperança em tempos de aflição, perseguição, ameaça de morte e perda de identidade. Recorre a profecias do passado e narrativas de cunho sapiencial que circulavam no meio do povo e as reelabora de modo a servirem a seus propósitos. O livro procura convencer os fiéis de que Deus está no comando da história mundial. O momento presente não é sinal da ausência de Deus nem de sua impotência, muito menos de sua injustiça. As pessoas que, na aflição, perseverarem em sua fé jamais serão abandonadas.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura apocalíptica, Daniel, perseguição, perda de identidade.

ABSTRACT

The book of Daniel is concerned in fostering Faith and Hope in times of affliction, persecution, death threatening, and loss of identity.

¹ Nelson Kilpp, doutor em Teologia pela Philipps Universität – Marburg, Alemanha, professor titular da Escola Superior de Teologia até 2010. Trabalha atualmente em projetos ecumênicos em Kassel, na Alemanha.

To do that, it deals with prophecies from the past times and wisdom narratives that belong to the people of God, reworking them according to its main goal, that is, to convince Faithful people that God controls world history and that nowadays history is not a sign God's absence, neither He is powerless and committed to injustice. Faithful afflicted people enduring in their faith will never be abandoned.

KEY-WORDS

Apocalyptic Literature, The Book of Daniel, Persecution, Loss of Identity.

1. Introdução

O livro de Daniel teve uma movimentada história da interpretação². Não apenas movimentos esotéricos, milenaristas e apocalípticos de várias partes do mundo beberam dele. Também movimentos de resistência contra governos autoritários encontraram no livro força e consolo³.

A maioria das pessoas, no entanto, parece ter grandes dificuldades com o livro de Daniel. A linguagem metafórica, a visão de mundo

² BAUER, Dieter. **Das Buch Daniel**. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1996 (Série Neuer Stuttgarter Kommentar Altes Testament 22), traz, em apêndice (p.235-252) uma interessante história da interpretação do livro de Daniel, desde as releituras do próprio Antigo Testamento até a literatura e a arte modernas. Cf. também MAIER, Gerhard. **Der Prophet Daniel**. Wuppertal: Brockhaus, 5.ed., 1997, pp. 22-34; SANTOSO, Agus. **Die Apokalyptik als jüdische Denkbewegung: eine literarkritische Untersuchung zum Buche Daniel**. Marburg: Tectum, 2007, pp. 1-6. Lamentavelmente no lugar onde me encontro no momento de escrever este texto, não tenho acesso a literatura em língua portuguesa e espanhola.

³ Na época da perseguição dos cristãos por Septímio Severo, Hipólito de Roma interpreta os textos de Daniel cristologicamente (a pedra que se depreende e derruba a estátua de Dn 2 é Cristo) e encontra consolo no fato de Cristo, em seu retorno, derrubar o quarto império que, para Hipólito, era o romano (BAUER, p. 244s). Martim Lutero consegue consolar o povo de sua época, que estava aterrorizado com a possibilidade de os turcos conquistarem toda a Europa, afirmando que o último império – para ele o império romano-alemão – não iria sucumbir antes da volta de Cristo (MAIER, 28s).

dualista e mítica, a concepção de um Deus violento com seus anjos guerreiros, o jogo com os números – isso tudo nos parece estranho e distante. Seria o livro de Daniel compreensível e relevante somente a determinados grupos – como minorias perseguidas – ou apenas em contextos específicos – como situações de perseguição, perda de identidade ou falta total de possibilidades de reagir?⁴

Mas são justamente os elementos estranhos e misteriosos do livro de Daniel que atraem, precisamente numa época em que presumimos ter respostas para todas as nossas perguntas.

O conteúdo do livro de Daniel é, à primeira vista, bastante claro. Nos primeiros seis capítulos – escritos principalmente em língua aramaica⁵ – encontram-se narrativas *sobre* Daniel e seus amigos, jovens israelitas da nobreza de Judá exilada, no final do século VI, por Nabucodonosor para a Babilônia. Esses jovens vivem na corte babilônica e são instruídos na sabedoria dos caldeus. Todavia permanecem fieis à sua fé e às suas tradições: respeitam as normas alimentares judaicas (Dn 1), negam-se a adorar imagens de divindades, sendo, por isso, lançados na fornalha, da qual, no entanto, saem ilesos (Dn 3). Daniel dirige suas orações, voltado para Jerusalém, única e exclusivamente a seu Deus, e, por isso, foi lançado na cova dos leões, da qual, no entanto, sai são e salvo (Dn 6).

Essas histórias também têm algo a dizer sobre os governantes estrangeiros. Os reis que se arrependem de suas maldades são preservados

⁴ Muito conhecidos são os desenhos de Daniel na cova dos leões que se encontram nas catacumbas de Roma. Eles representavam a esperança de salvação diante dos perseguidores (BAUER, p. 249).

⁵ Na Bíblia Hebraica, o livro de Daniel foi escrito em duas línguas: Dn 1,1-2,4a + 8,1-12,13 encontram-se em hebraico, e o trecho 2,4b-7,28, em aramaico. Além disso, há, na versão grega do livro, alguns textos que não se encontram na Bíblia Hebraica: a oração de Azarias e o cântico dos três jovens na fornalha (entre Dn 3,23 e 3,24); as histórias de Susana (Dn 13), de Bel e do dragão (Dn 14). Essas narrativas só se encontram em grego. Normalmente se afirma que as narrativas aramaicas (além de Dn 1) sejam contos mais antigos que as visões em língua hebraica Dn (7) 8-12. Geralmente se afirma que Dn 1, que pertence ao mesmo grupo das narrativas aramaicas Dn 2 a 6, foi traduzido do aramaico para o hebraico, porque não se podia conceber que um livro sagrado não começasse com o hebraico, a língua sagrada do judaísmo.

em seu governo como, por exemplo, Nabucodonosor, que, após um breve tempo de insanidade, voltou-se arrependido a Deus (Dn 4) e Dario, que se confessa publicamente ao Deus de Daniel em Dn 6. Mas aqueles reis que se mostram arrogantes diante do Deus de Israel e o desprezam são castigados, como Belsazar (Baltazar), que foi condenado pela escrita na parede após profanar os utensílios sagrados do templo de Jerusalém em seu banquete (Dn 5). Nessas narrativas, Daniel se revela não só um judeu piedoso, mas também um talentoso intérprete de sonhos (Dn 2). E, assim, piedoso e talentoso, alcança reconhecimento na corte.

Essas histórias da corte refletem as experiências de comunidades judaicas que viviam longe da pátria, dispersas no império persa ou até para além dele. Elas mostram que a perseverança na fé e na tradição dos pais em meio às perseguições e ameaças de um mundo hostil leva, apesar de aflições temporárias, em último caso, à salvação dos próprios israelitas e, às vezes, até à conversão dos governantes dos países em que residem.

Na segunda parte do livro (Dn 7-12) – escrita majoritariamente em língua hebraica⁶ – encontramos, por outro lado, uma série de visões que o próprio Daniel teve e narra na primeira pessoa: quatro animais saem das águas, um após o outro, cada um mais terrível e violento que o anterior. O último animal tem diversos chifres, um dos quais é especialmente terrível e mau, pois em sua impiedade ataca o povo sagrado. Por fim, todos os animais são destruídos, e o filho do homem vem para estabelecer um reino totalmente novo (Dn 7). Em Dn 8, um carneiro é lançado em terra por um bode que se torna cada vez mais forte; em Dn 10-12, um anjo explica ao visionário Daniel – aqui Daniel deixa de ser o intérprete e se torna alguém que necessita de interpretação – os acontecimentos misteriosos que ocorrerão no final da época de aflição e perseguição do povo.

A versão grega do Antigo Testamento contém ainda outras três narrativas: a primeira trata da justa e imaculada Susana, que é salva pelo sábio Daniel; as outras duas tentam desmascarar o culto idólatra: os sacerdotes de Baal (Marduc) são desmascarados ao consumirem as

⁶ Apenas Dn 7,1-28 está em aramaico, talvez pela semelhança de conteúdo com Dn 2 ou por formar uma dobradiça entre as duas partes do livro (1 a 7 e 8 a 12).

oferendas do ídolo e o dragão de Baal é destruído por um preparado de Daniel. Essas narrativas gregas têm a mesma função dos relatos da corte Dn 1-6: manter a fidelidade aos preceitos judaicos, em especial, a fé num Deus único.

2. Contexto de surgimento do livro

Por motivos linguísticos, históricos e histórico-literários⁷ o livro de Daniel não pode ter surgido no século VI a.C., ou seja, na época babilônica, onde o livro ambienta seu piedoso personagem, mas somente no século II a.C., ou seja, na época helenística, mais especificamente, entre 167 e 164 a.C., durante a revolta dos macabeus. Nessa época, grande parte do povo de Israel sofria as consequências do processo de helenização patrocinado pelos selêucidas. O processo se dá paulatinamente com a transformação de Jerusalém numa *polis* grega, entre outros, com um ginásio para a prática de esportes, atingindo o auge com as medidas drásticas do rei selêucida Antíoco IV Epífanes (175-164 a.C.). Em 169 a.C., ele saqueia

⁷ O fato de o livro de Daniel na Bíblia Hebraica ter sido escrito em duas línguas e ter duas formas básicas distintas (relatos *sobre* Daniel e relatos *de* Daniel) indica um crescimento do livro. A língua aramaica era língua franca do império persa. Além disso, há um desconhecimento dos detalhes históricos da época babilônica: a data do cerco de Jerusalém, em Dn 1,1, está errada; Belsazar [=Baltazar] não era filho de Nabucodonosor, mas de Nabônides (Dn 5,2); Dario, o medo, não foi sucessor de Belsazar, como afirma Dn 5,31[6,1]. Na verdade não existe um rei medo chamado Dario. Os medos haviam sido subjugados por Ciro bem antes de Dario. Ao contrário de Dn 6,28[29], Ciro governou o império persa bem antes de Dario. Por outro lado, chama a atenção o grande número de detalhes da época helenística, em especial da disputa entre lágidas ou ptolomeus (Egito) e selêucidas (Síria) (cf. Dn 11,5ss). Tudo isso indica que os autores estão distantes da época babilônica e próximos do período helenístico. Além disso, certas expressões como “Deus dos céus” é bem típica da segunda metade do período persa. Na verdade, o problema mais importante do livro, a perseguição dos fiéis judeus vinculada à profanação do templo (“abominação desoladora”) remete, com grande grau de certeza, para o tempo do domínio selêucida. Sobre o surgimento do livro, cf. por exemplo, NIEHR, Herbert. Das Buch Daniel. In: ZENGER, Erich et al. **Einleitung in das Alte Testament**. Stuttgart: Kohlhammer. 6. ed. 2006, pp. 509-512.

o tesouro do templo de Jerusalém para financiar suas campanhas militares e manda esmagar brutalmente uma rebelião em Jerusalém. Dois anos mais tarde, conquista a cidade num sábado e ordena matar e escravizar boa parte de seus habitantes, substitui a elite governante que se recusa a cooperar com os selêucidas por colaboradores mais dóceis, confisca o tesouro do templo e deixa aquartelada na fortaleza de Jerusalém, a Acra, uma guarnição grega para controlar a cidade.

Alcance maior tiveram as medidas religiosas, que interferiam nas normas alimentares judaicas, na observância do sábado e na prática da circuncisão. Essas medidas atingiam indistintamente as diversas camadas da população. Em muitos casos, os perseguidores exigiam o consumo da carne de porco somente para testar a lealdade dos súditos judeus ao sistema. Porém, de acordo com os testemunhos bíblicos, a maior iniquidade de Antíoco IV. Epífanes consistiu na colocação de um estrado sobreposto ao altar de sacrifício do templo jersalemita para permitir o sacrifício a Zeus. Trata-se da chamada “abominação desoladora” mencionada em Dn 11,31; 9,27; 1 Mac 1,54 (*Shiqqutz[im] Meshomem*: provavelmente uma alusão velada a *Baal Shamem* = “Senhor dos Céus”). Essa medida representava uma profanação do templo, tornando impossível a realização dos sacrifícios judaicos.

Os grupos responsáveis pelo conteúdo do livro de Daniel aparecem, por exemplo, em Dn 11,33: “Os sábios entre o povo ensinarão a muitos; todavia cairão pela espada e pelo fogo, pelo cativo e pelo roubo, por algum tempo”. Encontram-se, portanto, entre os perseguidos. Alguns de seus membros sofreram o martírio (11,33.35;12,3). Eles se autodenominam *Maskilim* (“sábios, entendidos, esclarecidos”; Dn 11,33;12,3), que se opõem aos ímpios e aos que abandonaram a aliança (a elite judaica que apoiou o processo de helenização). Têm afinidade espiritual com os “piedosos” (*Hassidim* “assideus”), que inicialmente participaram da revolta dos macabeus, lutando ao lado dos mesmos contra os representantes do império (1 Mac 2,42), mas que, mais tarde, se distanciaram dos líderes da revolta macabaica.

Os grupos responsáveis pelo livro de Daniel eram, portanto, círculos zelosos pelo cumprimento da Lei judaica e contrários ao processo de helenização apoiado por grupos mais liberais dentro do judaísmo (neste sentido, eram círculos “conservadores”). Temiam perder as suas

tradições e a sua identidade e, por isso, estavam dispostos a defender a sua fé mesmo sob o risco da própria vida (2 Mac 7). Sentem que nada podem fazer para mudar a situação; esperam, portanto, que o próprio Deus intervenha no fim dos tempos para definir o embate em favor dos seus fieis. A revolta armada dos macabeus representa apenas um “pequeno socorro” (11,34). Esses grupos “apocalípticos”, no entanto, não esperam passivamente pela derradeira intervenção divina. Eles procuram “levar a compreensão a muitos” (11,33): realizam, portanto, um tipo de conscientização do povo, baseados num conhecimento extraordinário obtido através de uma revelação exclusiva (por isso se chama o livro de Daniel de “apocalíptico”).

Portanto, ao lado dos guerrilheiros macabeus, de grupos da elite judaica entusiasmados com a helenização (“os que abandonaram a aliança”) e dos *Hassidim* (“piedosos”, assideus), aliados dos guerrilheiros, havia um quarto grupo (os autodenominados *Maskilim*), que formava um tipo de movimento *underground* e buscava, através de sua instrução, motivar outras pessoas a preservar sua fé e perseverar na esperança.

3. Estratégias de atuação e instrução

Esse grupo desenvolveu algumas estratégias para alcançar os seus objetivos. Dentre essas menciono as quatro que considero mais importantes.

3.1. A interpretação da história

No contexto de perseguição, sofrimento e morte era urgente encontrar uma explicação para o que estava acontecendo. Por que estamos passando por este momento difícil? A resposta a essa pergunta os *Maskilim* encontraram na sucessão de impérios, também conhecida em outras culturas. A estátua vista em sonho por Nabucodonosor consiste de quatro metais: a cabeça de ouro; o peito e os braços, de prata; a barriga, de cobre; e as pernas, de ferro, sendo que os pés eram formados, em parte, de ferro e, em parte, de barro. A estátua simboliza os quatro impérios mencionados no próprio livro: os babilônios, os medos, os persas e os gregos. O último império – o

greco-macedônico – já é visto como composto de duas partes: ferro e barro (ptolomeus e selêucidas). O império mais precioso encontra-se no início da sucessão. No final está e o menos precioso, o mais terrível, o mais ímpio.

A mesma sucessão se reflete na visão de Daniel, no capítulo 7: os quatro animais que saem, um após outro, das águas são cada vez mais terríveis e violentos. O mais terrível de todos é o último, que nem mais pode ser comparado a um animal, tão terrível que é. Também são os quatro impérios mencionados. Na descrição do último império, são trazidos muitos pormenores: diversos chifres (= reis) são descritos em sua crueldade e insanidade destruidora. Esses detalhes têm a função de oportunizar aos ouvintes a identificação de momentos de sua história recente e contemporânea. Portanto, a descrição da história pretende culminar no presente dos ouvintes. O momento presente é o mais terrível de todos. Não pode ficar pior. Depois das piores perseguições, o próprio Deus interferirá na história universal dando fim à atual miséria. Em Dn 2, é a pedra que, “sem auxílio de mãos humanas” (2,34), despedaça a estátua e se transforma em um monte que abrange toda a terra. Este é o novo “reino” que Deus criará e que “nunca será destruído” (2,44). No cap. 7, esta interferência divina é relatada com detalhes bem mais misteriosos: depois da destruição dos animais ferozes e terríveis, virá, “com as nuvens dos céus alguém como filho de homem”, que receberá de Deus um reino eterno (7,13s), onde o poder é dado “ao povo dos santos do altíssimo” (7,27).

Em suma: os textos tomam seus ouvintes pelas mãos e os conduzem de tal modo que percebem estar vivendo no último período da história mundial, o mais terrível. Eles reconhecem toda a miséria relatada como sendo a sua própria. Mas os textos não querem que seus ouvintes permaneçam no seu presente de aflição, querem, pelo contrário, que eles reparem no novo que está por acontecer. Assim, os *Maskilim* conseguem dar aos seus contemporâneos esperança de uma intervenção salvífica de Deus no futuro próximo.

3.2. *A pseudonímia*

Para poder efetivamente renovar a esperança e fortalecer a fé das pessoas perseguidas, o ensinamento dos *Maskilim* tinha que mostrar-se

claramente como proveniente de Deus. A autoridade divina ficava clara através da atribuição da mensagem a uma importante personalidade do passado. No livro de Daniel, a interpretação da história tem a forma de um prenúncio de um profeta do passado. A estátua do sonho de Nabucodonosor e os quatro animais que sobem do mar são descritos como previsão de acontecimentos futuros feita por um sábio que se encontra no exílio babilônico, ou seja, na época do primeiro império, portanto, no início da história que culmina com o presente dos ouvintes do livro, que é o governo do selêucida Antíoco IV. Que significa isso?

Quando um profeta prediz o que vai acontecer no futuro, ele tem este conhecimento privilegiado da parte de Deus, de quem é porta-voz. Deus revela, portanto, ao profeta o seu plano para o futuro. Para os ouvintes dos *Maskilim* isso significa que, já há 400 anos, Deus determinou o curso da história ora vivida. O que está ocorrendo está, portanto, de acordo com o plano de Deus.

Poder-se-ia pensar que isto seria motivo de indignação dos ouvintes da mensagem de Daniel, já que Deus aparentemente quis o sofrimento e a aflição de seu povo. Mas essa preocupação parece não ser importante. Importante é que os ouvintes se conscientizem de que o cumprimento da previsão é sinal de que, ao contrário da aparência, a história dos impérios ainda está nas mãos de Deus. Deus ainda é o condutor da história. A história não é mera sequência de acasos nem é determinada pelos poderosos do mundo. Se, portanto, Deus permitiu que a previsão de grande aflição se realizasse de acordo com o seu plano, ele certamente também concretizará o anúncio de salvação futura contido na mensagem do livro de Daniel.

Abro, aqui, um pequeno parêntese para abordar a questão da chamada “fraude santa” dos autores do livro de Daniel. Muitos pensam que, ao atribuírem sua mensagem a um personagem do passado, os autores do livro de Daniel fizeram uso de uma fraude para alcançar seus objetivos. Isso desqualificaria a sua honestidade e, por conseguinte, a sua mensagem. Esse tipo de raciocínio moderno não condiz com a mentalidade da época dos autores. Estes entendem-se como intérpretes de profecias do passado. O que falam não é visto como algo novo, próprio, mas algo já contido na mensagem dos antigos profetas. Daniel medita, por exemplo, sobre o significado dos 70 anos de devastação da cidade

de Jerusalém, profetizada por Jeremias (Jr 9,2). A relevância da antiga profecia para a atualidade do intérprete não é considerada criação própria, mas mensagem inerente ao antigo texto. Para os *Maskilim* este processo de apropriação da mensagem não constitui fraude, mas legítima interpretação da vontade divina em continuidade com os profetas do passado.

3.3. *A justiça de Deus*

Quando pessoas piedosas sofrem sempre surge a pergunta: por quê? No fundo, isso equivale a perguntar se Deus, de fato, é um Deus justo. O livro de Daniel aborda essa questão de duas formas.

1. Por que os prenúncios dos acontecimentos futuros são atribuídos justamente a Daniel? Daniel aparece em outras partes do Antigo Testamento não como profeta, mas como homem sábio, justo e temente a Deus (Ezequiel 14,14.20;28,3)⁸. As narrativas da corte de Dn 1-6 confirmam isto: Daniel é um judeu piedoso, justo e sábio que vive sob um poder estrangeiro, portanto numa situação semelhante à dos israelitas perseguidos sob Antíoco IV Epífanes. Essas histórias da corte, provavelmente já difundidas entre o povo, são bastante adequadas para servir de exemplo aos *Maskilim* e seus adeptos, pois relatam que, sob um governo estrangeiro, a piedade e a perseverança na Lei podem levar a sofrimento, mas também a um final feliz para aqueles que não se deixam desviar do caminho da Torá. A preservação da tradição e o cumprimento da Torá não só salvam da aflição, mas também podem levar os governantes à percepção de que o Deus de Israel reina sobre todos os poderes terrenos. Os *Maskilim* conseguem identificar-se com esse Daniel, pois seu comportamento é um perfeito exemplo de como os destinatários do livro deveriam comportar-se para também experimentar, em sua vida, que Deus preserva os “esclarecidos” que lhe permanecerem fiéis. Deus é, portanto, um Deus justo.

⁸Em textos extrabíblicos de Ugarit, menciona-se um rei de nome Dan´ilu (KTU 1.17-19). Traduzido o nome Daniel significa “Deus faz justiça”. Daniel é, portanto, o justo por excelência.

2. Numa situação de aflição, perseguição e morte, na qual pessoas piedosas sofrem o martírio, a questão da justiça de Deus é especialmente aguda. A experiência muito conhecida de que as pessoas más vão bem enquanto que as pessoas boas sofrem adquire, no contexto do martírio, contornos dramáticos. Como pode Deus permitir o sofrimento e a morte do justo? A morte de uma pessoa justa por causa de sua fé não pode ser vontade de um Deus justo! Se, no entanto, essas mortes, de fato, ocorrem, deve haver uma explicação plausível, pois não se pode conceber um Deus injusto ou arbitrário. A resposta a essa questão está em Dn 12,2: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno.” De acordo com a percepção apocalíptica, a fé na ressurreição dos mortos é, pois, consequência necessária da fé num Deus de justiça.

3.4. *A urgência do tempo*

Na história da interpretação do livro de Daniel, buscou-se, muitas vezes, partir dos números mencionados no livro para calcular o fim dos tempos. Os números eram entendidos como dados misteriosos que apontavam para longínquas épocas no futuro, quando iniciaria o reino eterno, o reino de Deus ou aconteceria a volta de Cristo. Num contexto de sofrimento e perseguição, no entanto, não é importante, a meu ver, transmitir aos ouvintes o que vai acontecer num futuro distante – quando a atual geração nem existir mais – mas o que vai acontecer num futuro *não* muito distante. Não creio que os *Maskilim* tinham o ócio necessário para especular sobre acontecimentos séculos à sua frente. Havia coisa mais importante a fazer, pois a sobrevivência estava ameaçada. Na aflição, a pergunta mais angustiante era: até quando? A resposta a esta pergunta não pode ter sido: num futuro bastante remoto. Isso seria puro cinismo.

Os dados do livro de Daniel comprovam que os números citados apontam para um fim da perseguição e do sofrimento num futuro próximo. Dn 12,7 e 7,25 afirmam que o fim da aflição será depois de “um tempo, dois tempos e metade de um tempo”, ou seja, de acordo com a maioria dos intérpretes, depois de três anos e meio (após a profanação do templo, em 167 a. C.). Também Dn 9,27 vai nessa direção: “ele fará firme aliança com muitos, por uma semana (de anos); na metade da

semana (depois de três dias e meio), fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares (profanação do templo)...”. Faltariam, então, três dias e meio (= três anos e meio) para o fim da aflição. Mensagem semelhante podemos ver em Dn 8,14: “até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”. As 2.300 tardes e manhãs perfazem 1.150 dias, ou seja, três anos e dois meses. Números parecidos aparecem em Dn 12,11 (1.290 dias após a introdução da “abominação desoladora”, ou seja, três anos e meio) e em Dn 12,12 (1.335 dias, ou seja, três anos e oito meses). Temos, portanto, números muito semelhantes para indicar o fim da tribulação. Obviamente não podem ser exatos, uma vez que, aqui, não estamos diante de *vaticinia ex eventu* (profecias já cumpridas), mas de verdadeiros prenúncios.

Todos esses números pretendem, em todo caso, motivar os ouvintes a perseverar na fé e a não perder a esperança, pois o fim do sofrimento está bem próximo. Um mundo novo já se torna visível em meio à aflição.

Conclusão

O livro de Daniel mostra a preocupação de seus autores em reanimar a fé e a esperança em tempos de aflição, perseguição, ameaça de morte e perda de identidade. Para tanto recorre a profecias do passado e a narrativas de cunho sapiencial que circulavam no meio do povo e as reelabora de modo a servirem a seus propósitos. De grande importância é convencer os fiéis de que, apesar das aparências, Deus ainda está no comando da história mundial. O momento presente não é sinal da ausência de Deus nem de sua impotência, muito menos de sua injustiça. As pessoas que, na aflição, perseverarem em sua fé jamais serão abandonadas. Quando artistas retratavam as histórias do livro de Daniel ou quando grupos perseguidos reliam os seus textos, é geralmente este consolo que buscavam. Por isso, pode-se entender perfeitamente que intérpretes de todas as épocas estendiam – e continuam estendendo – o último império, ímpio e mau, até o seu próprio presente, identificando-o seja com o império romano ou com o germânico ou, então, com o norte-americano. Pois é para o sofrimento presente que se busca conforto – também no livro de Daniel.

Referências bibliográficas

- BAUER, Dieter. **Das Buch Daniel**. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1996 (Série Neuer Stuttgarter Kommentar Altes Testament 22).
- KOCH, Klaus. **Daniel**. V. 1 (Dan 1-4). Neukirchen-Vluyn: Neukirchner, 2005 (Série Biblischer Kommentar Altes Testament).
- MAIER, Gerhard. **Der Prophet Daniel**. Wuppertal: Brockhaus, 5.ed., 1997 (Série Wuppertaler Studienbibel Altes Testament).
- NIEHR, Herbert. Das Buch Daniel. In: ZENGER, Erich et al. **Einleitung in das Alte Testament**. Stuttgart: Kohlhammer. 6. ed. 2006, pp. 507-516 (Série Studienbücher Theologie).
- SANTOSO, Agus. **Die Apokalyptik als jüdische Denkbewegung: eine literarkritische Untersuchung zum Buche Daniel**. Marburg: Tectum, 2007.